

# Sândi vocálico externo e sua importância para o *status* prosódico dos clíticos nas cantigas religiosas remanescentes

(Sandhi phenomena and its importance for the prosodic *status* of clitics in reminiscent religious medieval *cantigas*)

**Tauanne Tainá Amaral<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

tauanneamaral@gmail.com

**Abstract:** This article intends to study sandhi phenomena in Archaic Portuguese (thirteenth century), in order to obtain clues about the prosodic *status* of clitics. This study intends to determine the cliticization direction by analyzing texts of reminiscent religious medieval *cantigas* (420 *Cantigas de Santa Maria*, compiled by Alfonso X, the Wise) in order to find clues about the formation of superior prosodic constituents, based on the consideration of syntactic structure and the direction of syntactic cliticization.

**Keywords:** Sandhi; Clitic Group; Galician-Portuguese religious *cantigas*.

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo do sândi vocálico externo no Português Arcaico (século XIII), com vistas a obter pistas sobre o *status* prosódico dos clíticos. Tendo como *corpus* as cantigas medievais religiosas remanescentes (as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio), pretende-se chegar à determinação do direcionamento da cliticização e a pistas da formação de constituintes prosódicos maiores. Trata-se de averiguar a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA (Português Arcaico).

**Palavras-chave:** Sândi; Grupo Clítico; *Cantigas de Santa Maria*.

## Introdução

Este trabalho objetiva apresentar um estudo do *status* prosódico dos pronomes clíticos no Português Arcaico (daqui em diante PA) a partir das cantigas medievais religiosas remanescentes (as 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o rei Sábio). Por meio do direcionamento da adjunção dos pronomes clíticos fonológicos do PA, pretende-se, a partir daí, chegar à determinação das formas de cliticização e a pistas da formação de constituintes prosódicos maiores (no caso em questão o grupo clítico). Trata-se de averiguar a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA (Português Arcaico). Para comprovar tal possibilidade o processo de sândi foi apontado como um forte argumento para a consideração sugerida.

A metodologia empregada nas análises baseia-se no mapeamento dos pronomes oblíquos e reflexivos clíticos, a partir de sua ocorrência nas *Cantigas de Santa Maria* (daqui em diante CSM). Rastreados todos os pronomes clíticos, verificamos quais desses clíticos estavam sujeitos ao processo de sândi e qual dos processos se manifestava em cada caso (elisão, ditongação e hiato).

Como a origem e a evolução dos fenômenos prosódicos do Português ainda são, em grande parte, um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua, a descrição

dos fenômenos prosódicos e de sua relação com os processos segmentais de um período passado dessa língua (no caso, o PA) constitui uma contribuição importante e inédita, no sentido de elucidar mais completamente a história da Língua Portuguesa.

### **O processo de sândi no cantigas religiosas remanescentes**

Antes de iniciar as análises, faz-se necessário relembrar alguns conceitos ou definições sobre tal fenômeno: sândi é um termo que “designa os trações de modulação e de modificação fonética que afetam a inicial e/ou o final de certas palavras, morfemas ou sintagmas” (DUBOIS et al., 1978, p. 525), uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical” (TRASK, 2004, p. 260), ou, ainda, segundo Xavier e Mateus (1990, p. 327-328), um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra.”

Em outras palavras, o processo rítmico de sândi compreende as “mudanças resultantes de assimilações ou dissimilações de um vocábulo em contacto com outro” (CAMARA JR., 1973, p. 341).

Para o PA, Cunha (1961, p. 27), em seus estudos linguísticos a respeito das cantigas medievais portuguesas (profanas), identifica três processos de sândi externo: elisão, hiato e ditongação. Veremos a seguir que esses foram os processos de sândi aos quais estão sujeitos os pronomes clíticos retratados neste artigo.

Também é necessário destacar a importância da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995)<sup>1</sup> para o trabalho em questão, pois o mapeamento dos ditongos, hiatos e elisões só é possível por meio da contagem das sílabas métricas das cantigas. Tais considerações a respeito desses três processos foram apreendidas pela autora a partir da análise métrica das cantigas em seu trabalho de livre docência (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 110). Em outro trabalho sobre o sândi nas CSM, Massini-Cagliari (2006, p. 77) aponta a importância de sua metodologia, para dirimir dúvidas quanto ao tipo de processo de sândi que ocorre em juntura vocabular.

Para a escansão dos versos e conseqüente mapeamento dos ditongos, hiatos e elisões em contexto de juntura vocabular, foi utilizada uma metodologia que busca abstrair da escansão dos versos em sílabas *poéticas* os limites entre as sílabas *fonéticas*. Desta forma, especificamente no caso de encontros vocálicos e da categorização desses encontros como ditongos ou hiatos, é particularmente relevante a observação das fronteiras de palavras no meio dos versos. Em outras palavras, a escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas acerca da consideração de uma seqüência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes.

Nas análises realizadas foram consideradas somente as seqüências formadas em juntura de palavras (entre um clítico e outra palavra, ou entre um clítico e outro), ou seja, casos em que cada vogal pertence a palavras diferentes (a primeira vogal pertence à última

<sup>1</sup> Massini-Cagliari (1995) propõe uma metodologia em que a partir da observação da estrutura métrico-poética podemos chegar a características prosódicas de línguas que não contam mais com falantes nativos vivos, as quais não apresentam registros de fala; assim, somente por meio da escansão em sílabas poéticas podemos apontar características prosódicas do PA.

sílaba da primeira palavra, e a segunda vogal, à primeira sílaba da segunda palavra – que tem que ser iniciada por vogal).<sup>2</sup>

Sobre o fenômeno de sândi, será apresentado, em primeiro lugar, o processo de elisão, pois foi o que se mostrou mais produtivo nas análises. Sobre a grande produtividade desse processo, Massini-Cagliari (2005, p. 224) também verificou que a “elisão é [...] de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas”.

Crystal (2000, p. 92) afirma que a elisão se trata de um processo fonético-fonológico no qual há uma omissão de sons no discurso corrido. Para melhor ilustrar a aplicação da elisão, tomemos a exemplificação utilizada por Massini-Cagliari (2005, p. 220):

Como exemplos da aplicação do processo de elisão, podem ser citados casos de supressão da vogal da preposição DE, seguida de palavras iniciadas por vogal: linha d’água, galinha d’angola, frescor d’orvalho, cantigas d’amigo, cantigas d’amor. Pode ocorrer, também, entre duas palavras lexicais, independente de sua classe gramatical: blusa usada → blususada; leite em pó → ‘leit[ɨ]pó; conta histórias → contistórias. Exemplos de elisão, retirados de cantigas medievais profanas, são: e nõ me seiconsel lachar (“e non me sei conselh’ achar” - A16-v.7, na versão de Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 37); de todo ben sempr’o mellor (“de todo ben sempr’o melhor” - A42- v.11, Michaëlis de Vasconcelos, 1904, p. 91); Que tristoie meu amigo (“que trist’oj’ é meu amigo” - B555-v.1, Nunes, 1973, p. 7).

Partindo do pressuposto de que os pronomes oblíquos são monossílabos átonos, Massini-Cagliari (2005, p. 239) afirma que a elisão está diretamente relacionada ao grau de tonicidade desses monossílabos:

[...] a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir ou não com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte) está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade desse monossílabo (e com restrições fonotáticas [...]) do que com a quantidade de sílabas das palavras envolvidas.

Visto que os monossílabos átonos, no caso em questão, os pronomes oblíquos, apresentam uma maior tendência de se elidirem, serão expostos alguns dos casos de elisão presentes nas CSM. Primeiramente, serão abordados os clíticos *me*, *lhe*, *te*, *se*, *che* e *xe*, cujas vogais, normalmente, se elidem antes de outro fonema vocálico. Sobre estes pronomes clíticos, Massini-Cagliari (2005, p. 244) também observou que podem ser elididos com a vogal inicial da palavra seguinte, como pode ser comprovado nos exemplos utilizados por ela em seu trabalho:

- (1) edixillheu q nõ lhera mest~ (B719-15)  
tornou muj triste eu ben lhentendi (B719-5)  
edefendilho eu e hunha ren (B719-3)  
o al non lle coita de pran (A155-14) (lle = ll’ é)  
Ca llo nego pola ueer (A87-15)  
e tanto l’ andou o dem’ en derredor (CSM76-13)  
Pero aveo-l’ atal que ali u sãava (CSM77-35)  
atravessou-xe-l’ un osso na garganta, e sarrada (CSM322-23)  
Respondeu-l’ o ome bõo: Esto faria de grado (CSM335-36)

<sup>2</sup> O processo de sândi vocálico externo só ocorre entre vogais, uma vez que as consoantes bloqueiam tal processo.

Massini-Cagliari (2005, p. 244), baseada em suas investigações a respeito de tais clíticos, concluiu que:

[...] são monossílabos essencialmente átonos, na medida em que não seria possível a aplicação da elisão, caso fossem acentuados, por causa da restrição rítmica que bloqueia a ocorrência desse processo quando a primeira palavra acaba em vogal tônica. Assim sendo, devem ser considerados clíticos, que se adjungem à palavra imediatamente posterior.

Nos exemplos abaixo, retirados do *corpus* analisado, pode-se comprovar o que Cunha (1961) e Massini-Cagliari (2005) afirmaram a respeito da elisão. Temos a elisão da vogal átona do pronome oblíquo dativo *lhe* diante da vogal tônica inicial da palavra que o sucede.

- |     |   |                          |
|-----|---|--------------------------|
| (2) | ante chegou muit'aga e foil- <b>ll'</b> as mãos parar | (CSM13; 17) <sup>3</sup> |
| (3) | quen sol <b>ll'</b> emprestido fazer                  | (CSM 25; 18)             |
| (4) | que <b>ll'</b> os ollos fora da testa deitava         | (CSM 61; 26)             |
| (5) | que aa omagen foi e <b>ll'</b> o Fillo tolleu         | (CSM 76; 18)             |
| (6) | a Deus por mi e me <b>ll'</b> acomendedes             | (CSM 96; 67)             |

Iremos observar, nos exemplos de (7) a (11), que há outro tipo de pronome clítico sujeito à elisão; trata-se do pronome reflexivo *se*. A seguir, serão listados versos em que tal pronome se elidiu diante da vogal inicial tônica da palavra posterior a ele.

- |      |   |              |
|------|---|--------------|
| (7)  | E el fillou- <b>ss'</b> a chorar                                | (CSM 33; 63) |
| (8)  | Pois feit' ouve ssa promessa,   o donzel logo <b>ss'</b> ergueu | (CSM 42; 42) |
| (9)  | e leixou- <b>ss'</b> encima, demais, por nos matar.             | (CSM 50; 23) |
| (10) | e ela <b>s'</b> acomendava, e aquello lle prestou               | (CSM 13; 8)  |
| (11) | ouv' ant' eles e fillou- <b>s'</b> a culpar                     | (CSM 38; 42) |

Através das análises comprovamos que o monossílabo *se*, referente ao pronome reflexivo, é átono, uma vez que se submete ao processo de elisão; mas, nas CSM, existe outro monossílabo *se*, que não se submete à elisão, logo deve ser tônico, trata-se da conjunção *se*. Cunha (1961, p. 43) considerou este e outros monossílabos como tônicos, atribuindo-lhes o caráter de “semiforte”. A respeito dessa conjunção, Massini-Cagliari (2005, p. 240) confirma o seu caráter tônico, pois ela jamais se elide com a vogal inicial da palavra seguinte. Sendo assim, essa conjunção não deve ser considerada um clítico fonológico, já que mantém a sua autonomia.

Nos casos exemplificados abaixo, temos alguns versos em que a conjunção *se* está diante de uma palavra iniciada por vogal. Verificamos que a elisão não ocorre, por se tratar de um monossílabo tônico, portanto não clítico.

- |      |  |              |
|------|--|--------------|
| (12) | porque sei, <b>se o</b> oyrdes,   que vos valrrá um sermon | (CSM 84; 9)  |
| (13) | bem come <b>se o</b> sol entrasse                          | (CSM 89; 39) |
| (14) | <b>se a</b> que amamos                                     | (CSM 9; 61)  |
| (15) | <b>se a</b> Virgen mui santa                               | (CSM 28; 62) |

3 Entre parênteses, o número que segue a abreviatura *CSM* refere-se às cantigas, já os números após o sinal de ponto e vírgula referem-se aos versos.

Nos exemplos transcritos acima, podemos perceber que a conjunção sempre antecede monossílabos, tais como artigo definido ou pronome oblíquo, ambos átonos. Nos versos abaixo, pode ser verificada a tonicidade da vogal que sucede a conjunção *se*. Em (16), (17) e (18), notamos que tal conjunção está diante dos pronomes pessoais tônicos *ela*, *eu* e *el*, e não ocorre a elisão.

- (16) e a moller fez promessa | que **se ela** fill'ouvesse (CSM 43; 20)  
 (17) **se eu** per ren poss' aver seu amor (CSM 10; 21)  
 (18) de monges, **se el** podesse, | ou cinquenta ou cento (CSM 45; 32)

Podemos observar que ocorre o mesmo nos exemplos (19) e (20), em que temos a conjunção *se* seguida de pronome demonstrativo *esta*. Este pronome não é um clítico, pois apresenta duas sílabas, sendo que primeira é tónica; também verificamos que, nesses casos, a elisão não ocorre.

- (19) **se** esta dona vos queredes, fazed' assi: (CSM 16; 41)  
 (20) de Deus, **se** esta paga fiz, (CSM 25; 160)

A não elisão da conjunção discutida também pode ser observada quando esta precede uma forma verbal que apresenta como primeira sílaba uma vogal tónica como em (21) e (22):

- (21) foy, **se** era ren (CSM 32; 21)  
 (22) **se** ides a França.» (CSM 9; 27)

O que os exemplos de (12) a (22) nos mostram é que o comportamento da conjunção *se*, com relação à elisão, não é influenciado pela tonicidade da palavra seguinte. Por esse motivo, anteriormente, estudiosos como Cunha (1961) e Massini-Cagliari (2005) concluíram estar diante de um monossílabo tónico, representado graficamente na época da mesma forma que o pronome átono *se*.

A seguir serão apresentados outros versos nos quais ocorre a elisão dos outros pronomes oblíquos (*me*, *te*, *che*, *xe*). Com esses dados, podemos sugerir a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico, uma vez que os clíticos fonológicos estão sujeitos ao processo rítmico de sândi.

- (23) ca mal **ch'**estaria (CSM 9; 102)  
 (24) a vaca, se ben **m'** ajudas (CSM 31; 31)  
 (25) e esvãeceu ant' eles, | como **x'** era vãydade. (CSM 67; 104)  
 (26) de quant' ante dizias, | e mais **t'** end' amaremos.» (CSM 71; 58)

No decorrer das análises, observamos outros casos de elisão que ocorrem entre dois pronomes oblíquos, sendo que o primeiro é sempre um oblíquo dativo, enquanto o segundo é sempre um acusativo. Nesses casos, temos a perda da vogal final do primeiro pronome com a junção gráfica ao pronome que o sucede.

- (27) en **cho** dar quand' era vivo; | mas, porque es piadosa, (CSM 43; 52)  
 → pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o*  
 (28) que a Deus rogasse que **lla** fizesse gãar. (CSM 16; 33)  
 → pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *as*

- (29) onde quen **llo** toller cuida gran sobervia vay fazer. (CSM 35; 8)  
 → pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *o*

Também foram observados outros casos de sândi como a ditongação e o hiato (que não é um processo de sândi propriamente dito; ele é mais a contraparte do sândi, ou seja, o caso em que o sândi não acontece), revelados quando se faz a contagem das sílabas métricas poéticas, por isso a importância da metodologia inaugurada por Massini-Cagliari (1995).

A respeito dos pronomes oblíquos constituídos apenas de uma única vogal observamos que não sofreram em nenhum momento a elisão, submetendo-se somente ao hiato. Massini-Cagliari (2005, p. 247) justifica esse fato, pois se trata de monossílabos de uma única sílaba, os quais não podem ser elididos, já que nesses casos a elisão não pode se aplicada “por questões de preservação de estrutura, uma vez que, caindo a vogal, nada sobraria da sílaba original – o que acarretaria problemas de ordem semântica, com consequências para a interpretação do enunciado”. Massini-Cagliari (2005, p. 247) também afirma que nesses casos há uma tendência a esses pronomes de uma única sílaba formarem hiato com a vogal inicial da palavra seguinte. Em (30), para que a contagem métrica feita por Mettman (1986) seja válida, deve ocorrer um hiato entre a palavra *certo* e o pronome oblíquo dativo *o*, para que se obtenha um verso de 14 sílabas métricas.

- (30) e<sup>1</sup>/ to<sup>2</sup>/dos<sup>3</sup>/ cui<sup>4</sup>/da<sup>5</sup>/ron<sup>6</sup>/ mor<sup>7</sup>/rer<sup>8</sup>/, de<sup>9</sup>/ cer<sup>10</sup>/**to**<sup>11</sup>/ **o**<sup>12</sup>/ as<sup>13</sup>/bi<sup>14</sup>/a/des (CSM 36; 13)

Em (31), está transcrito um verso composto de 8 sílabas métricas (METTMAN, 1986, p. 177); para se atingir tal metrificação, é necessário que ocorra um hiato entre a palavra *salvo* e o pronome oblíquo acusativo *o*.

- (31) ter<sup>1</sup>/rã<sup>2</sup>/ en<sup>3</sup>/ sal<sup>4</sup>/**vo**<sup>5</sup>/ **os**<sup>6</sup>/ gui<sup>7</sup>/ou<sup>8</sup> (CSM 49; 67)

Já a ditongação, em todas as cantigas analisadas, só ocorre entre os pronomes *mi* e *ti* seguidos de vogal grafada <a> ou <o>; segundo Massini-Cagliari (2005, p. 251), é “o único contexto favorável para a ditongação”. Em (32), temos um verso extraído da cantiga 31. Segundo Mettmann (1986, p. 135), temos dois hemistíquios de sete sílabas métricas; tal metrificação só é possível se considerarmos a ditongação do pronome oblíquo dativo *mi* com a primeira sílaba do pronome demonstrativo *aquesta*, no caso *a*.

- (32) que<sup>1</sup>/ **mi a**<sup>2</sup>/ques<sup>3</sup>/ta<sup>4</sup>/ va<sup>5</sup>/ca<sup>6</sup>/ guar<sup>7</sup>/des.» E a vaca vëo logo (CSM 31; 36)

Em (33), podemos sugerir a ditongação do pronome oblíquo dativo *ti* com o pronome pessoal *eu*, uma vez que, para obter a contagem de sete sílabas poéticas proposta por Mettmann (1986), tal processo de sândi deve ocorrer. É interessante observar que este caso foge do que Massini-Cagliari (2005) observou como categórico, uma vez que o pronome clítico em questão não é seguido por vogal grafada <a> ou <o>, mas mesmo assim sofre ditongação.

- (33) mais<sup>1</sup>/o<sup>2</sup>/que<sup>3</sup>/**ti eu**<sup>4</sup>/da<sup>5</sup>/d<sup>6</sup>/a<sup>6</sup>/vi<sup>7</sup>/a (CSM 66; 67)

Há outros casos em que os pronomes oblíquos dativos *mi* e *ti* estão grafados juntamente com pronomes acusativos. Esse fato aponta para a ditongação, pois levamos em consideração a contagem das sílabas métricas (METTMANN, 1986) e comprovamos tal processo.

- (34) que **mio** cobres, sequer ali (CSM 92; 26)  
 (35) **mia** guardes; ca defendudas (CSM 31; 33)  
 (36) Deus **tio** demande, que pod'eval (CSM 15; 64)

Os dados obtidos, nas análises, apontam para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, já que, assim como Bisol (1996, p. 248) observou para o PB, também foi possível notar que, no PA, os clíticos presentes nas CSM se mostraram independentes, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica (aos processos de sândi, por exemplo).

As considerações levantadas neste artigo sugerem a grande possibilidade de se considerar os clíticos como constiuente prosódico relevante no PA, já que o processo de sândi aponta para a independência fonológica dos clíticos, uma vez que, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986), o grupo clítico é o menor domínio de aplicação das regras de sândi.

Enfim, os estudos realizados apontam para a atonicidade fonológica dos clíticos, o que faz com que eles estejam sujeitos aos processos de sândi, característica que vem comprovar, novamente, a possibilidade de se considerar o grupo clítico um constiuente prosódico, já que, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986, p. 147), um elemento é clítico se, junto com outra palavra, está sujeito às regras de sândi.

*an element is a clitic if, together with a word, it is affected by internal sandhi rules; it is an independent word if, together with a word, it is affected by external sandhi rules. By the same token, if an element is counted as part of a phonological word of the purpose of stress assignment, it must be considered a clitic and not a word.*

### **Análise dos dados a partir da Teoria Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986)**

Partindo do que foi proposto por Nespor e Vogel (1986), de que os clíticos se comportam como palavras fonológicas independentes, iremos agora aplicar a teoria dessas autoras aos dados encontrados nas análises. Levando em consideração o trabalho de Bisol (1996), em que a autora propõe a existência de dois tipos de clíticos no PB, por meio de nossas análises, comprovamos que os pronomes oblíquos do PA se enquadram no tipo dos clíticos que revelam certa independência, pois verificamos que esses elementos se submetem às mesmas regras da palavra fonológica, no caso em questão, às regras de sândi, mesmo tratando-se de pronomes categoricamente átonos. Para demonstrar essa proposta, consideramos que o clítico constitui uma palavra fonológica independente que, se unindo a outra palavra fonológica (hospedeira), formam o grupo clítico, como podemos verificar abaixo:

- (37) que Deus [[**o**] $\omega$ [queria] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 9; 84)  
 (38) ouve, ca [[**le**] $\omega$ [parecia] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 4; 35)  
 (39) log'õ demo [[**a**] $\omega$ [prendia] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 11, 37)  
 (40) ca o demo [[**les**] $\omega$ [dizia] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 11; 46)  
 (41) De vos." E contou como [[**o**] $\omega$ [mataran] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 96; 51)  
 (42) que a Deus rogasse que [[**lla**] $\omega$ [fezesse] $\omega$ ]<sub>C</sub> gãar (CSM 16; 33)  
 (43) deles quis e [[**se**] $\omega$ [lançar] $\omega$ ]<sub>C</sub> (CSM 33; 32)

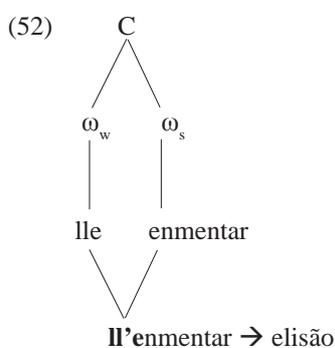
- (44) dun miragre [[**vos**]ω [darei]ω]<sub>C</sub> (CSM 59; 6)  
 (45) se [[**me**]ω [quiserdes]ω]<sub>C</sub> oyr (CSM 59; 10)  
 (46) Caosnembros [[**lles**]ω [cayan]ω]<sub>C</sub> (CSM 91; 34)  
 (47) De vergonna [[**nos**]ω [guardar]ω]<sub>C</sub> (CSM 94; 3)  
 (48) ela mui bem [[**o**]ω [guardou]ω]<sub>C</sub> (CSM 94; 65)  
 (49) a monja e [[**se**]ω [partiu]ω]<sub>C</sub> (CSM 94; 7)  
 (50) porend'un daquestes é ben que [[**vos**]ω [digamos]ω]<sub>C</sub>. (CSM 37; 8)

Sobre a elisão, processo de sândi que se mostrou mais produtivo com os pronomes oblíquos presentes nas cem primeiras CSM e, cujo domínio de aplicação é o grupo clítico, propomos uma estruturação de alguns dados referentes a essa regra pós-lexical a partir da Teoria Prosódica, e constatamos, assim como o fizeram Nespor e Vogel (1986), que os pronomes clíticos, apesar de átonos, estão sujeitos ao sândi, o que faz com que eles se adjunjam à palavra hospedeira junto ao grupo clítico, uma vez que tais partículas não aparecem sozinhas.

Em (51) podemos observar que o pronome oblíquo átono *lle* sofre elisão diante de *enmentar*. O que podemos propor, seguindo a teoria de Nespor e Vogel (1986), é que o pronome *lle* é uma palavra fonológica fraca (ω<sub>w</sub>) que se adjunge com *enmentar*, que é uma palavra fonológica forte (ω<sub>s</sub>), constituindo assim o grupo clítico.

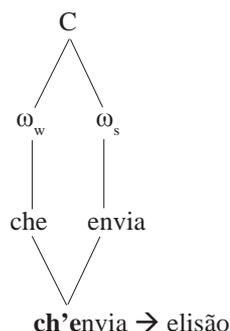
- (51) E demais [[quero]ω [-ll']ω]<sub>C</sub> [[enmentar]ω]<sub>C</sub> (CSM 1; 23)

Partindo desse exemplo podemos propor o seguinte esquema arbóreo para o caso em análise transcrito em (4.101):



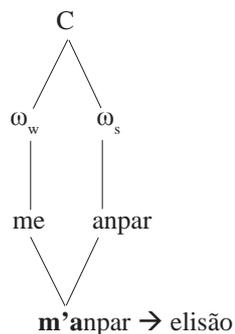
A seguir serão expostos mais quatro exemplos em que temos a elisão ocorrendo entre um pronome oblíquo e outra palavra e, a estruturação arbórea de cada caso.

- (53) Meu Fillo esto [[ch']ω [envia]ω]<sub>C</sub> (CSM 2; 45)



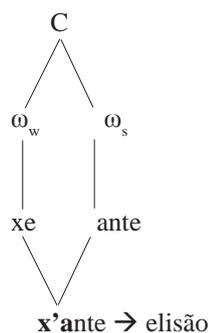
(54) dizendo: Se Deus [[m'] $\omega$  [anpar] $\omega$ ]<sub>C</sub>

(CSM 7; 57)



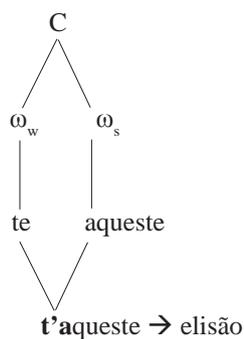
(55) como [[x'] $\omega$  [ante] $\omega$ ]<sub>C</sub> violava, | e a candea pousou

(CSM 8; 38)



(56) e se [[t'] $\omega$  [aqueste] $\omega$ ]<sub>C</sub> pan non refeiro

(CSM 15; 56)



## Conclusão

Diante dos casos de sândi verificados, foi possível constatar que os clíticos se mostraram independentes prosodicamente, uma vez que os pronomes investigados se submeteram às mesmas regras da palavra fonológica, no caso às regras de sândi. Logo, podemos afirmar que, embora sejam fonologicamente átonos, pois se submetem a tais regras, os pronomes clíticos analisados podem apresentar uma certa independência apontada pelo sândi, pois, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986), o grupo clítico é o menor domínio de aplicação dessas regras.

## REFERÊNCIAS

- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.
- CAMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1973.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Tradução de M. C. Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CUNHA, C. F. da. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. B.; MEVEL, J. P. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 30, p. 76-94, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/gcm.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2011.
- \_\_\_\_\_. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Departamento de Linguística/ UNESP, Araraquara 2005.
- \_\_\_\_\_. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Orgs.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.